

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM CACHOEIRA DO SUL
CURSO DE BACHARELADO EM AGRONOMIA**

MARIANA TEIXEIRA PEDRO

**A AGROECOLOGIA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA**

CACHOEIRA DO SUL

2022

MARIANA TEIXEIRA PEDRO

**A AGROECOLOGIA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA**

Projeto de extensão apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Agronomia na
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Ludwig

CACHOEIRA DO SUL

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

MARIANA TEIXEIRA PEDRO

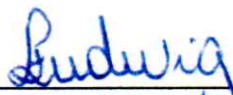
**A AGROECOLOGIA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA
PÚBLICA**

Projeto de extensão apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Agronomia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Ludwig

Aprovada em: 07 / 11 / 2022

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.^a Dra. Fernanda Ludwig
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS



Prof. Dr. Franclin Ferreira Wenceslau
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS



Prof.^a Viviane Damasceno
Escola Municipal de Educação Infantil APCRIM

CACHOEIRA DO SUL

2022

*Aos meus pais, Jorge, Mônica e Lucimeri,
por serem exemplos, intensificaram essa
vontade de ser melhor, dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha universidade, pelo ensino de qualidade e gratuito fornecidos no decorrer da graduação.

À minha orientadora, Professora Fernanda, por me proporcionar a primeira oportunidade na extensão universitária, por todos os ensinamentos sob sua orientação e por toda a dedicação e companheirismo em minha trajetória acadêmica.

À equipe ProEx (2018-2022), por me proporcionarem a vivência da extensão universitária, aprofundando meus conhecimentos e intensificando em minhas escolhas.

Aos meus pais e minhas raízes, Jorge, Lucimeri e Mônica, por serem exemplos de vida, incentivadores e pelo apoio em minhas escolhas e decisões, estando sempre ao meu lado, não importando a distância física.

Aos meus irmãos, Julia e Thiago, por serem fantásticos, presentes e participantes da minha construção de vida, pessoal e profissional.

Ao meu amor, Laís, pela partilha de vida, compreensão, respeito e encantamento pela minha pessoa e pelo meu curso.

Aos familiares e amigos que se fizeram presente durante a graduação, meu muito obrigada.

Por fim, como todo processo de autoconhecimento, agradeço a mim, ao meu corpo e mente que me proporcionaram viver essa experiência.

A todos, do fundo do coração, minha eterna gratidão!

“Os grandes movimentos da vida começam a exemplo de uma semente, que desabrocha simples e pequena, mas que vai ganhando robustez até gerar seus múltiplos frutos.”

Gelson L. Roberto

"A agricultura já não é uma profissão, mas uma paixão pela natureza, pela vida verdadeira, pelo nascer, crescer, florir e madurar."

Ana Maria Primavesi

RESUMO

O presente projeto de extensão é parte integrante do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Agronomia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) na Unidade em Cachoeira do Sul, e visa ampliar o envolvimento entre a universidade e a comunidade escolar, com foco na educação infantil. Como objetivo principal, buscou-se incentivar a adoção de hábitos e atitudes saudáveis e sustentáveis em relação à alimentação e à agroecologia. Abordar temas sobre alimentação, dentro e fora do ambiente escolar é essencial para a formação de hábitos saudáveis, visando também, a melhoria no aprendizado e consequentemente na qualidade de vida. Promoveu-se e divulgou-se as plantas alimentícias não convencionais (PANC), plantas medicinais e olerícolas, como uma forma alternativa, colorida e divertida para a adoção destas práticas saudáveis. Uma das estratégias adotadas foi o uso da temática como elemento pedagógico, potencializando na aprendizagem, e posteriormente na atuação como agente de mudança no âmbito familiar. Ademais, as crianças participaram ativamente do projeto com implementação da horta pedagógica, composta não só de olerícolas, mas também por plantas medicinais e PANC, além de temas ligados à educação ambiental. A proposta vincula o conhecimento científico com o conhecimento prático por meio de dinâmicas sobre as temáticas trabalhadas e transforma a alimentação saudável e a agroecologia em ferramentas para a aprendizagem e criatividade dos alunos.

Palavras-chave: Extensão; Agroecologia; Alimentação Saudável; Crianças.

ABSTRACT

The present extension project is an integral part of the curricular component of Course Completion Work II, of the Agronomy course at the State University of Rio Grande do Sul (UERGS) at the unit in Cachoeira do Sul, and aims to expand the involvement between the university and the school community, focusing on early childhood education. The main objective was to encourage the adoption of healthy and sustainable habits and attitudes in relation to food and agroecology. Addressing topics about food, inside and outside the school environment, is essential for the formation of healthy habits, also aiming at improving learning and, consequently, quality of life. Unconventional food plants (PANC), medicinal and vegetable plants were promoted and publicized as an alternative, colorful and fun way to adopt these healthy practices. One of the strategies adopted was the use of the theme as a pedagogical element, enhancing learning, and later acting as an agent of change within the family. In addition, the children actively participated in the project with the implementation of the pedagogical garden, composed not only of vegetable crops, but also of medicinal plants and PANC, in addition to themes related to environmental education. The proposal links scientific knowledge with practical knowledge through dynamics on the themes worked on and transforms healthy eating and agroecology into tools for students' learning and creativity.

Keywords: Extension; Agroecology; Healthy eating; Children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Passeio e observação de uma praça. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	36
Imagem 2 - Palestra sobre resíduos com a SMMA. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	37
Imagem 3 - Dinâmica sobre separação de lixos. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	38
Imagem 4 - Roda de conversa sobre alimentação saudável. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	39
Imagem 5 - Comida colorida. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	40
Imagem 6 - Conversando sobre as frutas. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	41
Imagem 7 - Conhecendo outras frutas. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	42
Imagem 8 - Dia de semear. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	43
Imagem 9 - Preenchendo uma sementeira. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	43
Imagem 10 - Decorando a mini estufa. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	44
Imagem 11 - Casinha pronta, plantinha feliz. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	44
Imagem 12 - Área verde (antes). Cachoeira do Sul/RS, 2022.	45
Imagem 13 - Enchimento dos canteiros. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	45
Imagem 14 - Plantio na área verde. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	46
Imagem 15 - Visita ao estande da UERGS. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	48
Imagem 16 - Maquete de uma propriedade agroecológica. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Plantas medicinais escolhidas para a área verde. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	32
Tabela 2 - Olerícolas escolhidas para a área verde. Cachoeira do Sul/RS, 2022.	33
Tabela 3 - Distribuição das crianças de pré-escola em duas turmas na escola. Cachoeira do Sul/RS, 2022.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conceitos e caracterizações da educação ambiental	18
Quadro 2 - Comparação entre o ser humano e a planta. Cachoeira do Sul/RS, 2022. ...	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 OBJETIVOS	16
2.1 OBJETIVO GERAL.....	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
3 REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 SUSTENTABILIDADE.....	17
3.1.1 A importância de atividades ao ar livre	18
3.2 AGROECOLOGIA.....	19
3.2.1 Agricultura familiar	20
3.2.2 Feiras Livres e Agroecológicas	21
3.3 O ALIMENTO COMO FONTE DE CONHECIMENTO	21
3.3.1 Alimentação Saudável	23
3.3.2 Olerícolas	23
3.3.3 Plantas Alimentícias Não Convencionais	24
3.4 O PODER DAS PLANTAS	25
3.4.1 Plantas Medicinais	25
3.5 A HORTA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO.....	26
3.6 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS ESCOLAS.....	27
4 METODOLOGIA	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO.....	34
5.2 AÇÕES PROPOSTAS.....	34
5.2.1 Práticas Sustentáveis	34
5.2.2 Observações ao ar livre	35
5.2.3 Agroecologia, que bicho é esse?	36
5.2.4 Nosso lixo, nossa responsabilidade	37
5.2.5 As olerícolas coloridas	38
5.2.6 Frutas, cores e sabores	40
5.2.7 Cooperação e construção	42
5.2.8 A horta	44
5.2.9 Tudo começa na semente	46
5.2.10 Feira nacional do arroz	48
5.2.11 Hora do chá	49
5.2.12 Isso também é comestível	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A rotina acelerada em função dos trabalhos, estudos e responsabilidades, faz com que o ser humano tenha um tempo reduzido quando o assunto é alimentação. As atividades como diversão e trabalho, na grande maioria, sofrem alterações constantemente por conta das adaptações que o mundo impõe. Com isso, o perfil alimentar também é modificado, seja em modo de preparo ou de consumo dos alimentos.

Um outro indício na vida das pessoas é o costume de buscar o prático e realizar refeições fora de casa, tendo então uma elevação no consumo energético. Em termos de pluralidade, a consumação dos alimentos pode ser caracterizada pela alta na produção e comercialização de industrializados e também, pela redução do produto *in natura*.

O sistema de abastecimento de alimentos no Brasil sofreu modificações nas últimas décadas, anteriormente era composto por alimentos/produtos minimamente processados e adquiridos de pequenos comerciantes. O hábito alimentar tido na atualidade é basicamente composto pela consumação de alimentos/produtos embalados e pré-preparados, que são obtidos em grandes supermercados.

Hoje em dia, os responsáveis por crianças, de modo geral, encontram dificuldades em ofertar alimentos saudáveis em seus lares. Vale ressaltar, que nem tudo que é prático é saudável. Nesse sentido, destaca-se a importância de abordar temas ligados à alimentação com crianças em idade escolar, aproveitando-se do senso de curiosidade e disseminação de conceitos em seus lares.

Em grande parte, os hábitos alimentares presentes na vida adulta são adquiridos na infância, momento esse, que é marcado por descobertas. Por esse motivo, é necessário estimular a criança, o mais precoce possível, a adotar hábitos saudáveis. Esse estímulo deve ser trabalhado a partir da adoção de vivências e práticas integrativas.

A agricultura agroecológica, sendo vinculada à agricultura familiar, torna-se uma importante ferramenta de promoção de qualidade de vida e de valores sociais no meio rural. Pode-se dizer que uma alimentação tida como saudável é a que expecta todas as necessidades do corpo. Engloba, além de nutrientes, diversos conceitos como os socioculturais e os afetivos ou atrativos.

A importância de consumir alimentos agroecológicos se dá por conta da preservação da natureza como um todo, sem utilizar defensivos agrícolas. Tal prática além de ser benéfica ao meio ambiente, também é mais saudável para o ser humano por

conter uma melhor qualidade nutricional. Ademais, esses alimentos são benéficos socialmente, economicamente e ambientalmente, além de serem mais saborosos, pois conservam a cor, o sabor e o aroma.

Nós, como seres humanos, diferente dos demais seres vivos, não buscamos nosso alimento somente com o objetivo de suprir a necessidade do organismo e repor a energia e os nutrientes, mas também por conta do prazer que o aroma, o paladar, a textura e o aspecto visual remetem em nossos sentidos. A agroecologia proporciona ao ser humano a cor, o sabor e o aroma, além de ser o berço da produção de alimentos promotores de saúde. Além disso, ela ainda envolve a atividade agrícola e seus respectivos impactos na garantia da sustentabilidade ecológica, social, econômica, cultural, política e ética.

Na agroecologia, o meio ambiente não é um conjunto de recursos à mercê do ser humano. Muito pelo contrário, com a abordagem agroecológica, tal meio é visto de maneira integrada, onde há interação dos vastos elementos que compõem o ecossistema, como o solo, a água, as plantas, os animais, etc. Lembrando que nós, seres humanos, também somos parte desse ecossistema e que se deve então respeitar os limites da natureza e as características culturais dos agricultores.

No que lhe diz respeito, o consumo sustentável retrata as técnicas que estimulariam o desenvolvimento sustentável, vinculando os cuidados ambientais com abordagens utilizadas para produzir e consumir e tais efeitos para as gerações presentes e futuras. O destino das nações depende daquilo e de como as pessoas se alimentam (BRILLAT-SAVARIN, 1825).

As hortas são listadas entre as ações que contribuem para a qualidade do cardápio, a saúde do escolar e a difusão de hábitos alimentares saudáveis (FOME ZERO, 2012). Com o tempo, conhecimento e conscientização, o interesse em ingerir alimentos saudáveis e cada vez mais frescos, ou seja, recém colhidos, faz com que as hortas em ambiente escolar e domiciliar virem uma opção para aqueles que possuem vontade e local disponível.

Por conta disso, o presente trabalho busca integrar através da extensão universitária o vínculo entre a alimentação e a criança, buscando a reflexão acerca da produção agroecológica de alimentos. Levando para a sala de aula o incentivo em consumir alimentos saudáveis e sustentáveis, através da agrobiodiversidade, harmonizando o conhecimento dos aromas, cores e sabores.

2 OBJETIVOS

Este tópico apresenta o objetivo geral do presente trabalho, subdividido em objetivos específicos.

2.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver um conjunto de atividades lúdicas sobre educação ambiental com crianças de uma escola pública, a fim de suscitar atitudes sustentáveis.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover o trabalho coletivo e o conhecimento sobre a importância do cuidado com o meio ambiente;
- Incentivar e promover práticas saudáveis e sustentáveis em âmbito escolar e domiciliar;
- Promover o conhecimento sobre a origem e valores dos alimentos através da horta pedagógica;
- Praticar a agroecologia e promover a alimentação saudável;

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A agricultura é a arte de cultivar plantas. Essa arte é base da alimentação mundial e sustenta a economia de mercado de diversos países. A agronomia é a ciência responsável por estudar as relações entre as culturas agrícolas e o meio ambiente. Tão logo, Ramos (2020) afirma que é a ciência responsável por organizar sistematicamente o corpo de conhecimento que sustenta as práticas agrícolas de produção.

Para Machado (2018), a agroecologia está sendo inserida no cenário educacional das ciências agrárias, através da criação de cursos superiores com estrutura ou ênfase na agroecologia, ou na criação e ação de grupos de ensino, pesquisa e extensão. Logo, a agroecologia deixará de ser apenas um esforço teórico prático no sentido de buscar uma nova relação entre agronomia e ecologia (CAPORAL, 2016).

Considera-se que a escola seja reconhecida como um espaço de transformação e desenvolvimento do ser humano, ou seja, um local destinado à formação de pessoas de

diversas atmosferas que sejam capazes de atuar na mudança do mundo em qual vivem. Por conta disso, destaca-se a importância de ações extensionistas neste âmbito.

A extensão universitária com ênfase agroecológica nas escolas possui o intuito de apresentar os conceitos saudáveis e sustentáveis da vida, tais como as aprendizagens fundamentais, como por exemplo: o conhecimento, o convívio, o fazer e o ser. Juntos, esses eixos atuam na promoção de uma vida harmônica entre a criança e o meio ambiente.

3.1 SUSTENTABILIDADE

O termo desenvolvimento sustentável abriga um conjunto de paradigmas para o uso dos recursos que visam atender as necessidades humanas. A implementação de ações sustentáveis envolve atos e ações simples como ir a um supermercado, o uso racional de água nas residências, a manipulação adequada do lixo etc., mas deve envolver também atitudes radicais quanto ao consumismo exagerado (TORRESI et al. 2010).

De acordo com Barbosa (2008), desenvolvimento sustentável consiste em um processo de aprendizagem em que é direcionado por políticas públicas orientadas por um plano de desenvolvimento nacional. Para Feil (2017) a sustentabilidade é reflexo da relação entre o homem e o meio ambiente, principalmente com os problemas existentes que podem deteriorar a relação entre a ecologia e o desenvolvimento econômico.

A relação das crianças com a natureza através da Educação Ambiental é fundamental para o surgimento de iniciativas de promoção da sustentabilidade no âmbito educacional e em seus lares. A EA surge, por meio de conceitos e caracterizações, conforme ilustra o Quadro 1, para mostrar a importância do respeito a todos os seres vivos.

Quadro 1 - Conceitos e caracterizações da educação ambiental

Conceito	Indicador/Caracterização
EA Emancipatória	Capaz de possibilitar - indivíduo/coletividade - adquirir conhecimentos, valores, habilidades, experiências e a determinação para o cidadão enfrentar e participar da solução de problemas ambientais
EA Transformadora	Capaz de possibilitar a mudança de atitudes para o desenvolvimento de sociedades sustentáveis.
EA Participativa	Capaz de estimular a participação em mobilizações coletivas.
EA Abrangente	Capaz de envolver a totalidade dos grupos sociais (públicos internos e externos).
EA Permanente	Capaz de ser uma atividade continuada.
EA Contextualizadora	Capaz de agir diretamente na realidade da coletividade e por ela alcançar a dimensão planetária
EA Ética	Capaz de promover o respeito a todas as formas de vida no planeta.
EA Interdisciplinar	Capaz de integrar diferentes saberes, pois a questão ambiental agrega variados conhecimentos.

Fonte: PEDRINI A. G. Metodologias em Educação Ambiental. Editora Vozes. Rio de Janeiro 2007.

De acordo com Sato (2004), o aprendizado ambiental é um componente vital, pois oferece motivos que levam os alunos a se reconhecerem como parte integrante do meio em que vivem. E ainda em concordância com o referido autor, a EA faz pensar nas alternativas para soluções dos problemas ambientais e ajudar a manter os recursos para as futuras gerações.

3.1.1 A importância de atividades ao ar livre

A nossa relação com o meio ambiente nos constitui como ser humano. De tal modo, somos parte da natureza. As crianças são, pois, seres da natureza, seus corpos, como o de todos os humanos, as identificam com a natureza. Em seus processos fisiológicos, sensitivos, afetivos, o corpo expressa a “força viva que criou e conserva a ordem natural de tudo que existe” (TIRIBA, 2010).

Faz parte da infância o prazer na integração com os demais seres e elementos da natureza (LIMA, 2015). Essas atividades ao ar livre, fazem com que as crianças tenham um maior cuidado com o meio ambiente. Para Tiriba (2006), as brincadeiras de cavar, amontoar, criar, demolir são atividades tão desejadas que só a terra e a areia propiciam.

Para as crianças, estar em espaço natural é se fazer presente em âmbito de alegrias e brincadeiras, garantindo o seu bem-estar. Em concordância com Tiriba (2006), as experiências na natureza envolvem as crianças de corpo inteiro e as colocam em contato

com uma realidade complexa, “em que vários tipos de conhecimento estão interligados e têm a mesma importância: conhecimentos científicos, estéticos e poéticos”.

Por meio dos sentidos, a criança toma consciência do mundo ao seu redor, sua conexão e o estímulo desses sentidos facilitam o processo de aprendizagem. Para Machado et. al. (2017), as sensações proporcionam o conhecimento das características, para termos as sensações, necessitamos dos sentidos: visão, olfato, paladar, audição e tato.

Além do mais, o ato de brincar é tido como uma atividade considerada essencial para o desenvolvimento das crianças. Com esse propósito, Machado et al. (2017) afirmam que o direito de brincar é um fator determinante para um desenvolvimento pessoal e social da criança contribuindo para uma infância feliz.

3.2 AGROECOLOGIA

No decorrer dos anos a agricultura tem apresentado constantes mudanças em seu quadro. A modernização da agricultura privilegiou somente o aumento de produtividade agrícola como parâmetro para avaliar sua eficiência, desconsiderando o agricultor e o meio ambiente como partes do mesmo processo de desenvolvimento, gerando diversos problemas sociais e ambientais (ASSIS, 2002).

De acordo com o mesmo autor, têm surgido movimentos de agricultura alternativos ao atualmente predominante, baseados em princípios agroecológicos, e caracterizados por diferentes correntes. A agroecologia se resume em um sistema de produção tendo como base a sustentabilidade, sendo economicamente viável e socialmente justo.

Para Santos et al. (2014), a vivência de práticas agroecológicas orienta para uma lógica do desenvolvimento rural, considerando o equilíbrio dos agroecossistemas e a permanência das famílias no campo e valorizando seus saberes. De tal modo, os produtores envolvidos são livres para produzirem e terem um retorno financeiro, o que possibilita a subsistência das famílias.

Segundo definição da FAO/OMS (1999), os sistemas de produção agroecológica são aqueles que se baseiam em normas específicas e precisas, que visam à obtenção de agroecossistemas sustentáveis do ponto de vista social, ecológico, técnico e econômico. Representa, ainda, um resgate da cultura (culinária, costumes e conhecimentos) do meio rural (DALROT, 2002 et. al., 2002, p.32 apud AZEVEDO, 2004, p.111). O conceito de agroecologia mostra que é possível produzir comida saudável, cuidando das pessoas e do meio ambiente.

A agroecologia não diz respeito apenas a uma proposição técnica a ser adotada pelos agricultores familiares, trata-se, também de uma proposição política, uma vez que transcende aspectos operacionais e afeta e questiona a atual lógica produtiva e hegemonia de poder do meio rural (SANTOS et al. 2014). Os produtores combinam sua própria experiência, conhecimento de culturas locais, recursos naturais locais com preocupações ambientais e conhecimento científico para pôr em práticas uma produção mais autônoma e sustentável.

De fato, ainda percebe-se uma compatibilidade entre a agricultura agroecológica às recomendações para práticas alimentares saudáveis. Segundo o Guia Alimentar para a População Brasileira, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), no sentido de incentivarem a agricultura familiar, de estimularem o aumento no consumo de alimentos *in natura* e de recomendarem a utilização de alimentos regionais (APOIO..., 2004, p.43; BRASIL, 2005d, p.34 e 38; ORMOND et al., 2002, p.30).

3.2.1 Agricultura familiar

A agricultura familiar cumpre um papel relevante em relação à produção de alimentos, ocupação de mão-de-obra, manutenção da biodiversidade agrícola e preservação da paisagem. É neste ponto que acontece a maior aproximação entre a agricultura familiar e a agricultura ecológica (MEIRELLES, 2002).

A família rural é comumente conhecida por ser uma unidade de produção, cujo resultado pode ser a agricultura, ou também pode incluir a agropecuária, os artesanatos e as cooperativas. O produtor familiar investigado trabalha principalmente na produção de hortaliças e frutas, além de produzirem conservas, doces, bolachas, sucos, pães, cucas, entre outros, os quais são comercializados na feira ecológica.

A agricultura familiar é tida "como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo" (WANDERLEY, 2009). Por conta disso, é notável o quanto a agricultura familiar possui significativas raízes históricas. Entretanto, a agricultura familiar de base ecológica foi a escolhida como exemplo para a apresentação neste projeto.

A agricultura de base ecológica não se limita apenas aos aspectos vinculados à sustentabilidade ecológica do sistema de produção, mas é uma abordagem que incorpora também cuidados relativos aos problemas sociais (MEIRELLES, 2002). Fernández e Garcia (2001) acreditam que a formação de uma sociedade, cuja atitude seja de

coexistência com a natureza, e não de exploração, é essencial para uma agricultura sustentável.

Segundo Santos et al. (2014), a agricultura familiar se deve à diversificação de produtos, baixo custo, uso e otimização de insumos, além da capacidade de ser menos prejudicial ao meio ambiente do que a agricultura convencional. De tal maneira, é possível a visualização da importância econômica e responsabilidade socioambiental que é abordado por esse modelo de agricultura.

3.2.2 Feiras Livres e Agroecológicas

As feiras livres caracterizam-se como mercado varejista que acontece ao ar livre, constituem um importante espaço para a promoção de uma alimentação saudável por meio do comércio de frutas, legumes e verduras, e também pelo incentivo de práticas sustentáveis (LOPES, 2014). De acordo com Araújo et al. (2018), as feiras, feirinhas ou feiras livres e agroecológicas podem ser caracterizadas como pontos de vendas de agricultores familiares.

As feiras livres são importantes fontes de renda aos feirantes. Valença (2016) afirma que os feirantes “produtores” são aqueles que produzem a mercadoria que vendem. As feiras dinamizam a economia local e contribuem para impulsionar a agricultura familiar (NOCELLI, 2017), pois é capaz de promover o aumento de renda dos produtores. Além do mais, promove a oferta de produtos obtidos através de práticas de manejo e cultivo que asseguram uma produção diversificada, conservação e utilização sustentável dos recursos naturais e materiais (SANTOS et al., 2014).

Darolt (2013) destaca que os mercados locais e a comercialização de circuitos curtos podem ser a chave para reconectar produtores e consumidores de alimentos, e uma forma de impulsionar o desenvolvimento local. Greczyszn et al. (2013) ressalta a importância das feiras livres como canais onde a população encontra alimentos frescos e diversificados ao mesmo tempo que os feirantes também são beneficiados com a venda de seus produtos, podendo negociar seus preços numa relação mais próxima com os clientes, em comparação com os supermercados.

3.3 O ALIMENTO COMO FONTE DE CONHECIMENTO

Accioly (2009) afirma que os hábitos alimentares são como uma regra a ser seguida, e que são adquiridos durante os primeiros anos de vida. Em consonância a

Accioly (2009), tais hábitos são constituintes da cultura e identidade da população, e que sofrem alterações por conta de pressões econômicas e sociais.

O sistema alimentar e a alimentação do brasileiro sofreram mudanças nos últimos 50 anos e essas mudanças vêm se acelerando com a política internacional de "mercado livre", um aspecto da globalização (LANG; MCMICHAEL, 1997). Da mesma forma, alimentos globalizados têm se tornado a cultura alimentar dominante, em detrimento da diversidade de culturas locais e tradicionais (CONTRERAS, 2005).

A alimentação é um ato, não apenas fisiológico, mas, também, de integração social e, portanto, é fortemente influenciada pelas experiências a que são submetidas as crianças e os exemplos em seu círculo de convivência (ACCIOLY, 2009). Levando em consideração a escola como um lugar de convivência e interação, destaca-se a importância desse âmbito na promoção de conhecimentos sobre diversos eixos, dentre eles, a alimentação.

Uma escola promotora de saúde estimula, através do programa de alimentação escolar, boas práticas de alimentação e estimula na comunidade, a busca por escolhas alimentares mais saudáveis e sustentáveis (ABERC, 2008). Em concordância com Accioly (2009), a escola corresponde ao espaço para a realização de ações que visem o estabelecimento de hábitos saudáveis de alimentação.

"A alimentação escolar tem características de assistência nutricional, desde que ofereça alimentos adequados em quantidade e qualidade, para satisfazer às necessidades nutricionais do escolar, no período do dia em que permanece na escola. (Mas também,) por ser servida na escola, adquire características de ferramenta educativa, que pode e deve ser utilizada para os fins maiores da educação, (...)habilitando o aluno a intervir na própria realidade" (Conselho Federal..., 1995).

Segundo Archanjo et al. (2001), o crescimento do consumo não está diretamente relacionado com o valor nutricional dos alimentos, mas aos diversos significados que lhes são atribuídos pelos consumidores. Tais significados variam desde a busca por uma alimentação mais saudável, de melhor qualidade e sabor, até a preocupação ecológica de preservar o meio ambiente.

3.3.1 Alimentação Saudável

A alimentação vai além da ingestão de alimentos, pois diz respeito à ingestão de nutrientes, mas também aos alimentos que contêm e fornecem os nutrientes (BRASIL, 2014). Fator importante para o desenvolvimento das crianças, além de influenciar na saúde e promover o bem-estar.

A infância é um período em que se desenvolve grande parte das potencialidades humanas (BRASIL, 2009). Por conta disso, uma alimentação mais saudável deve ser adotada como um hábito desde criança, por isso é importante abordar esse tema ainda na infância.

Diante disso, Gomes (2016) afirma que o comportamento alimentar de uma criança reflete nos processos de crescimento e desenvolvimento em todos os aspectos. De acordo com os estudos conduzidos pelo Ministério da Saúde, ressalta-se a importância de apresentar uma alimentação saudável ainda na infância, de modo que conheçam desde cedo sobre a qualidade nutricional e funcional dos alimentos.

De tal modo, a alimentação deve ser variada e composta por alimentos de boa qualidade nutricional (JUNIOR, 2020). O ato de nutrir vai além da capacidade de satisfazer a fome. De acordo com Gomes (2007), para uma alimentação ser adequada, ela deve ser segura, ou seja, não ocasionar doenças e prejuízos à saúde do consumidor.

Para promover uma correta nutrição, segundo Porto (2001), o alimento deve suprir as necessidades do organismo, sem causar danos à pessoa que o consome (carências ou excessos). Consoante a Brasil (2002), a alimentação da criança deve ter qualidade, quantidade, frequência e consistência adequadas para cada idade.

Releva-se, que o Guia Alimentar para a População Brasileira sugere que “sempre que possível alimentos agroecológicos devem ser preferidos, não somente pelo provável menor risco à saúde humana, mas também pelo menor impacto ao meio ambiente.” (BRASIL, 2005d, p.206). De acordo com Torjusen et al. (2001), as pessoas que compravam hortaliças agroecológicas manifestaram maior preocupação no tocante às questões éticas, ambientais e de saúde.

3.3.2 Olerícolas

A olericultura é uma atividade de grande importância para as pequenas propriedades agrícolas (SILVA et al., 2020). A olericultura é a área da horticultura que

abrange a exploração de hortaliças e que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos e frutos diversos (CAETANO, 2018).

A trilogia frutas, legumes e verduras é utilizada para enfatizar a importância da variedade alimentar e também porque esses grupos de alimentos devem ser parte importante das refeições e não somente lanches ocasionais (NATIONAL HEART FORUM, 1997a, 1997b; WORLD CANCER RESEARCH FUND, 1997). Neste caso, adota-se o termo olerícolas para englobar as hortaliças e facilitar o entendimento.

De acordo com Silva (2017) a produção de olerícolas é tida como uma atividade presente em pequenas propriedades familiares, seja para a subsistência ou com a finalidade da comercialização. A afirmativa de Caetano (2018) diz que a característica mais marcante da olericultura é o fato de ser uma atividade agroeconômica altamente intensiva em seus aspectos mais variados, em contraste com outras atividades agrícolas extensivas.

Uma das práticas culturais ou técnicas que podem contribuir para a realização da agricultura sustentável é o cultivo consorciado de olerícolas (REZENDE; CANATO; CECÍLIO FILHO, 2005). Para que isso seja possível, é importante realizar o plantio de duas ou mais espécies na mesma área.

3.3.3 Plantas Alimentícias Não Convencionais

As plantas alimentícias não convencionais (PANC), em termo são todas as plantas que poderíamos consumir, mas que em grande parte, por conta do conhecimento, não o fazemos. Ainda pouco conhecidas, acabam sendo consideradas como “ervas-daninha, pragas ou mato” por grande parte da população.

De acordo com Kinupp (2007), muitas espécies de plantas são alimentícias mesmo em desuso ou quase pela maior parte da população. Em concordância com Kinupp (2007), a produção mundial de gêneros alimentícios é realmente grande, sobretudo, um setor que promove a utilização indevida e gera desperdícios.

Apesar da riqueza e do potencial que a produção de alimentos representa, a biodiversidade brasileira é ainda pouco conhecida e sua utilização como alimento tem sido negligenciada (TULER, 2019). De acordo com Kinupp (2007), as PANC são as plantas que possuem uma ou mais partes comestíveis, sendo elas espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas que não estão incluídas em nosso cardápio cotidiano.

A identificação e o cultivo de PANC pode prover ao produtor familiar uma alternativa como fonte de renda. Ademais, consoante a Kinupp (2007), o cultivo se

realizado de forma sustentável, pode ser considerado uma forma de utilização do solo com baixo impacto na agricultura, associado à conservação ambiental.

3.4 O PODER DAS PLANTAS

A atração pelas plantas é atitude instintiva e natural em todos nós. Com a horta, a teoria ministrada em sala ganha exemplos reais e deixa de ser abstrata, além de aproximar os escolares de hábitos saudáveis e ecologicamente corretos e de explorar sua relação com a natureza e com os impactos que suas ações podem causar no sentido ecológico (Grupo SM, 2018).

O repasse desses conhecimentos é importante para a preservação e conservação dos saberes tradicionais e da biodiversidade (SILVA et al., 2005). Para Mera (2018) esse conhecimento faz parte da cultura brasileira, como resultado das experiências de gerações passadas, que foram transmitidas por meio de aprendizagem consciente e inconsciente.

Mera (2018) afirma que a utilização de espécies medicinais, na maioria das vezes nativas da sua região, ou cultivadas em quintais, pode reduzir os gastos com medicamentos sintéticos. Segundo Mera (2018), as plantas medicinais possuem importância na questão socioeconômica, tanto para as populações que vivem no meio rural, como as que vivem no meio urbano, ressaltando o quão importante é a presença dessas plantas no ambiente escolar.

José Maria Andrade traz em seu artigo, “Antropologia do mundo das plantas medicinais” (2009), uma revisão bibliográfica importante sobre o assunto, e retrata como a antropologia atua na articulação do conhecimento popular e o conhecimento científico. Sobre essa questão, ressalta-se a importância de se conversar sobre plantas no desenvolvimento como ser humano.

3.4.1 Plantas Mediciniais

Planta medicinal é definida como qualquer espécie vegetal usada com a finalidade de prevenir e tratar doenças ou de aliviar sintomas das mesmas (DISTASI, 2007). É entre os membros da família que se propagam informações oralmente quanto aos hábitos e os cuidados com a saúde, como o uso das plantas medicinais.

Seu aprendizado se estruturou através de observações sistemáticas e de experimentações, passando de geração a geração através da oralidade, para a sobrevivência e sustentabilidade dos grupos (SILVEIRA; FARIAS, 2009). A família é

um sistema no qual se conjugam valores, crenças, conhecimentos e práticas, através do qual se desenvolve a dinâmica de funcionamento, promovendo a saúde, prevenindo e tratando a doença de seus membros (ELSEN, 2004).

A adesão à utilização de plantas curativas tem crescido nos últimos anos. Conforme citado por Brasil (2016), a Organização Mundial da Saúde reconhece que grande parte da população brasileira depende da medicina tradicional para sua atenção primária, tendo em vista que 85% fazem uso de plantas medicinais como fonte de recurso para solucionar problemas da saúde.

Segundo Oliveira (2008), cerca de 80% da população mundial já teve alguma experiência com a utilização de plantas medicinais com fins preventivos ou curativos. A utilização de plantas medicinais e ervas condimentares é datada dos primórdios da sociedade humana.

3.5 A HORTA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A horta no contexto da Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é considerada um recurso terapêutico que integra um processo de cuidado e cura do agravo, visando promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis (BRASIL, 2012). Com isso, ressalta-se a importância da presença de hortas escolares.

A horticultura alimentar caracterizada pela aplicação da fitotecnia e pelo uso intenso dos fatores de produção, contribui com seus benefícios diretos para uma alimentação mais saudável e indiretos, proporcionando recreação, lazer e rotinas que podem ser inseridas nas premissas da agricultura urbana social, proporcionando saúde e bem estar (PEREIRA, 2018). Neste caso, as crianças quando na presença de atividades hortícolas tendem a ser mais felizes, saudáveis e criativas.

Na perspectiva da agricultura social, seu papel educativo e pedagógico permite agregar conhecimentos, contribuir para o bem estar físico e emocional, reforçar a autoestima além de promover vínculos afetivos e solidários, com a troca de informações e experiências (CASTELO BRANCO; ALCÂNTARA, 2011; COSTA, 2014). Além do mais, Silva Neto e Basso (2010) salientam que é preciso especificar o que está – e o que não está – procurando-se sustentar, pois, de qualquer forma, no futuro, a sociedade será diferente.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e a Portaria Interministerial nº 1010/2006 (Ministério da Educação e da Saúde), entre outros, expressam essa última preocupação e sugerem a elaboração de hortas escolares para a

promoção da alimentação saudável (BRASIL, 2011; BRASIL, 2006). O papel da horta é promover atitudes saudáveis e sustentáveis.

Em concordância com Moreira et al. (2019), na horta escolar existem diversas formas de aprendizado, a importância da educação ambiental, a nutrição e a alimentação. De tal modo, faz com que crianças e adultos, alunos e professores, aprendam dinamicamente plantando olerícolas e ervas medicinais e aromáticas.

Para Reyes (2019) o sucesso no cultivo das espécies alimentícias, especialmente em espaços reduzidos e internos, é importante o conhecimento quanto aos fatores que determinam o crescimento e o desenvolvimento da planta. Segundo Clemente (2012) sobre hortas em pequenos espaços, pode-se citar, o solo, a água, o controle de pragas e doenças, a adubação e a luminosidade, como exemplos desses fatores.

No entanto, mais do que a compreensão de cada fator isolado, é fundamental entender a relação entre eles e a interação com os demais seres vivos e dos vastos elementos que compõem o ecossistema, fato este discutido e sustentado pela agroecologia. Segundo Neves (2004), a agricultura agroecológica busca o desenvolvimento de sistemas de produção de alimentos em harmonia com o homem e o meio ambiente, sustentáveis no tempo e no espaço.

3.6 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS ESCOLAS

Um dos fatores para que se possa conquistar uma alimentação saudável, é por meio de práticas educativas, que contribuem para construção de práticas alimentares satisfatórias (RODRIGUES, 2018). É no âmbito escolar que os programas sobre alimentação ganham maiores repercussões, e por serem crianças, a curiosidade de aprender é bem maior e com isso, acabam disseminando os novos conceitos em seus lares.

Levar os alimentos para a sala de aula e transformá-los em elemento pedagógico, faz com que as crianças participem das ações de educação alimentar desenvolvidas e não fiquem como meros espectadores (MAGALHÃES; GAZOLA, 2002). Gomes (2016) afirma ser o ambiente escolar um espaço propício para uma intervenção, na medida em que propicia além do desenvolvimento cognitivo, experiências significativas para a formação humana.

Para Alves (2020), abordar sobre a relevância de uma alimentação saudável no ambiente escolar, não pode ser restrito somente àqueles que trabalham neste meio, pois

trata-se de uma questão que envolve e demanda o auxílio da família e comunidade. Com isso, mostra-se a importância das ações extensionistas desenvolvidas para esse propósito.

O direito à alimentação saudável é, portanto, uma preocupação de diversas instituições públicas no Brasil e deve ser refletido nas escolas e discutido com educadores, famílias e comunidade. Para Paula (2013) a reflexão e discussão ocorre por meio de diferentes atividades realizadas, onde permite alcançar uma das premissas extensionistas, que é a promoção da interação e da troca de saberes entre a comunidade universitária e a sociedade.

O grande desafio da comunidade acadêmica universitária é considerar as atividades extensionistas como um meio de integrar a instituição de ensino com as comunidades do entorno com o objetivo de transformá-las e não apenas considerar que tenham um caráter de assistência (HENRIQUES, 2004). Com isso, releva-se o quão determinante e importante é o ato extensionista, pois é algo que deve marcar positivamente o outro.

O conhecimento e a ação participativa na produção e no consumo principalmente de olerícolas (fonte de vitaminas, sais minerais e fibras) despertam nos estudantes mudanças em seu comportamento alimentar, atingindo assim, toda a família (TURANO, 1990). E assim, cumpre-se o papel da ação de extensão.

4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consistiu na realização de encontros teóricos e práticos com crianças na faixa etária de 5 anos, das turmas Pré B1 e Pré B2, da Escola Municipal de Educação Infantil APCRIM, colégio da rede municipal de Cachoeira do Sul - RS. A realização do trabalho de conclusão de curso na área da extensão, teve sua ocorrência de maneira semanal entre os meses de abril e agosto do ano de 2022, totalizando 6 meses de atividades no âmbito escolar.

Para o pleno desenvolvimento das atividades, foram pensadas etapas de elaboração do projeto, são elas:

1. Revisão de literatura e estudo sobre os temas abordados;
2. Pensamento/planejamento das atividades a serem desenvolvidas;
3. Levantamento do material a ser utilizado no decorrer das atividades;

4. Separação de vídeos de personagens infantis que fazem explicações sobre a temática do projeto;
5. Execução do projeto na escola.

A pesquisa bibliográfica é definida como habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas (ANDRADE, 2003). Por conta disso, essa metodologia de pesquisa é tida como o primeiro passo na construção de um projeto.

Para a revisão de literatura e estudos, foram utilizados artigos encontrados no site Google Acadêmico, além da leitura de livros para a complementação do conteúdo. A adequação de termos e conceitos para o público infantil é de extrema importância, visto que as crianças compreendem o tema quando ele é associado com palavras, atitudes e hábitos já conhecidos por elas.

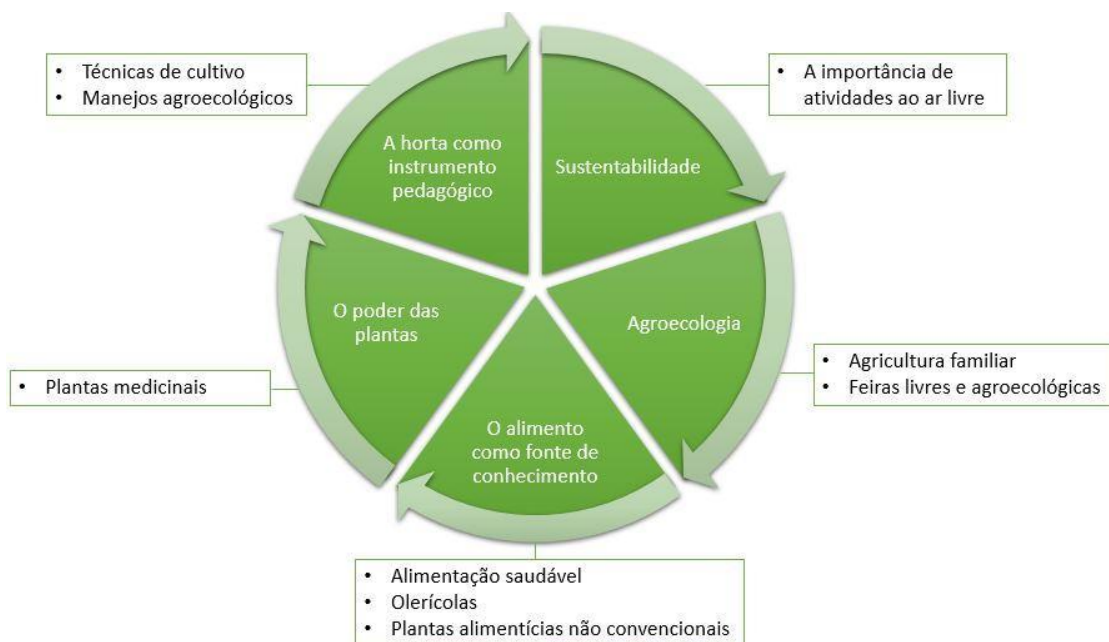
Alguns materiais necessários para o andamento do projeto foram: folha de papel A4, canetinhas hidrocores, lápis de cor, tinta guache, rolo para pintura, caixote de madeira, sementeira, sementes, mudas de plantas e conjunto de jardinagem. Além desses, também foram utilizados tijolos, cimento, terra e areia para a construção do espaço verde da escola, local destinado à horta pedagógica.

Para caracterizar a horta pedagógica, foram realizadas as coletadas das dimensões da área com auxílio de uma trena, para posterior construção dos canteiros em alvenaria. Mais adiante, foi realizado o levantamento das olerícolas e ervas medicinais que compuseram o espaço.

Ferramentas audiovisuais foram utilizadas para complementar o conhecimento das crianças. Em concordância com Moran (2005), a utilização de vídeos em sala de aula proporciona a ilustração, simulação, repasse e complementação de conteúdo, atuando assim na compreensão sobre determinado assunto.

Quanto à estruturação do cronograma de temas e atividades, pensou-se em um roteiro de construção de conhecimento, onde a criança fosse apresentada a um tema que complementasse o tema seguinte. A partir das temáticas principais, foram propostas interações sobre eixos que compõem o tema, conforme apresentado no fluxograma da figura 1.

Figura 1 - Fluxograma das temáticas



Fonte: Autora, 2022.

As atividades com as crianças envolveram encontros teóricos e práticos, onde foram propostas interações sobre as temáticas. O projeto foi executado em localidades como a sala de aula e na área da horta, entretanto, visita como a praça da Matriz se fez necessária para compor o conteúdo e cronograma do trabalho.

Para compor as temáticas, foi pensado em atividades para cada eixo, tais como:

- Sustentabilidade:

Realização de uma roda de conversa sobre o que a criança entende por sustentabilidade e quais as atitudes sustentáveis que são realizadas no dia a dia. Buscou-se exemplificar as práticas sustentáveis com situações vividas pelas crianças em casa e na escola com a finalidade de compreenderem o conceito do termo e a importância de vivenciá-lo corretamente.

Ainda nessa temática, foi realizada uma dinâmica ao ar livre, onde as crianças puderam observar a natureza de uma praça da cidade de Cachoeira do Sul. Durante o passeio, foram feitos apontamentos sobre a importância da preservação do meio ambiente, mostrando a presença de lixos nos canteiros e nos arredores da calçada.

Para finalizar o eixo sobre sustentabilidade, foi convidada a bióloga da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Cachoeira do Sul, Talita Silva, para realizar uma palestra sobre resíduos sólidos, cuja finalidade foi apresentar às crianças o destino e o descarte correto do lixo. Por fim, efetuada uma dinâmica envolvendo balões, onde as crianças

puderam ilustrar os conhecimentos obtidos e realizar a separação correta do lixo, em resíduos secos e úmidos.

- Agroecologia:

Apresentou-se o conceito de agroecologia através de um bate papo com as crianças sobre a diversidade alimentar. Momento em que é feita a ligação entre o cultivo de alimentos em harmonia com o meio ambiente, interligando ao eixo anteriormente abordado.

As atividades propostas para essa temática envolveram um passeio virtual pela Fazendinha Agroecológica Km 47 (<https://www.gentequecresce.cnpab.embrapa.br/site.html>), uma das ferramentas do projeto Agroecologia para Gente que Cresce II: uma viagem pelo mundo sustentável da Embrapa Agrobiologia. Cujas finalidades foram apresentar a variedade de atividades que uma propriedade agroecológica é capaz de ter e acima de tudo sobre o respeito à produção e ao meio ambiente.

Uma outra atividade prática com as crianças foi a visita à Feira Nacional do Arroz, que acontece a cada ano na cidade de Cachoeira do Sul/RS. O passeio pela feira foi uma maneira encontrada para apresentar às crianças o objetivo e o foco da feira. Entretanto, o destaque da visita é a interação com uma maquete de uma propriedade agroecológica que compõe o estante da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Para apresentar as feiras livres e a agricultura familiar, apresentou-se um vídeo intitulado “Comida que alimenta”, desenvolvido pelo Centro Sabiá que traz uma conversa entre uma menina, sua mãe, e um agricultor familiar sobre o quanto é melhor consumir produtos agroecológicos. O objetivo do vídeo foi a valorização do comércio local e as famílias que vivem no campo, produzindo em comunhão à natureza, sem a utilização de fertilizantes.

- O alimento como fonte de conhecimento:

Para apresentar a alimentação saudável, é importante em um primeiro momento realizar o questionamento sobre o que é ter uma boa alimentação, com isso, buscou-se perguntas a fim de instigar o pensamento das crianças sobre suas refeições. Essa etapa foi realizada através de uma roda de conversa, onde as crianças puderam participar ativamente de um bate papo a respeito da variedade de alimentos.

A finalidade desse eixo foi a apresentação das cores e sabores variados que se pode consumir em nosso dia-a-dia, com isso, levou-se para a sala de aula, olerícolas já conhecidas pelas crianças para demonstrar o ‘prato ideal’. Para incentivar a participação,

a cada alimento mostrado, era questionado quais outros alimentos possuem a mesma coloração. Com isso, as crianças compreenderam que a diversidade de alimentos que existem vai muito além do que é visto nos supermercados.

Pensando também na abordagem sobre espécies frutíferas, foi pensado em um dia da partilha, onde cada criança levou à escola uma fruta de sua escolha. A ideia foi a verificação das frutas que seriam levadas e a apresentação de frutas ainda desconhecidas pelas crianças. Ao fim, pensada e preparada a degustação de todas as frutas que foram levadas.

Ademais, foram apresentadas as plantas alimentícias não convencionais de um modo que as crianças compreendessem o conceito, através de materiais audiovisuais de apoio, foram mostradas as olerícolas já conhecidas. Após a identificação da cultura no vídeo, era questionado qual parte era comestível, e assim de cultura em cultura, era apresentada à criança as demais partes comestíveis de uma planta que na maioria das vezes são descartadas.

- O poder das plantas:

Para este tópico, foi pensado em uma dinâmica com as crianças, envolvendo a apresentação de algumas plantas medicinais, questionando o conhecimento sobre cada uma das plantas e suas aplicações no nosso dia a dia. Foram adquiridas as plantas medicinais e aromáticas, contidas na tabela de número 1, onde posteriormente foram plantadas na área verde da escola, para agregar na agrobiodiversidade da horta.

Tabela 1 - Plantas medicinais escolhidas para a área verde. Cachoeira do Sul/RS, 2022.

Plantas Medicinais	
Nome Comum	Nome Científico
Boldo	<i>Peumus boldus</i>
Citronela	<i>Cymbopogon</i>
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i>
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i>
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>
Losna	<i>Artemisia absinthium</i>
Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i>
Menta	<i>Mentha</i>
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i>

Fonte: Autora, 2022.

Com as plantas em sala de aula, foi realizada uma atividade de verificação das características de cada uma delas, tais como o tamanho das folhas, o aroma e a possível associação com algo conhecido pelas crianças, como a pasta de dente.

O encerramento com a dinâmica do chá foi um momento de descontração e curiosidade, o objetivo dessa atividade era incentivar a criança à apreciação do momento, onde elas puderam visualizar a cor e sentir o aroma sem que soubessem o sabor e os ingredientes. As crianças foram convidadas a tomar o chá e a tentarem descobrir o sabor através das características.

- A horta como instrumento pedagógico:

Para esse eixo foi pensado na implantação da área verde da escola, transformando um espaço destinado pela escola, fazendo com que se tornasse um local de interação e troca de conhecimentos. Para isso, é importante que fosse realizada uma atividade de associação entre uma planta e o ser humano.

Com auxílio de um vídeo chamado Dona Árvore, da cantora e compositora Bia Bedran, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer o ciclo de uma árvore frutífera. Entretanto, de modo pensado anteriormente, um pé de tomate foi levado para a sala de aula, onde a visualização e ilustração de sua anatomia foi possível.

As atividades para as crianças giraram em torno da semeadura em caixas de leite e em sementeiras. E também foi pensada na construção de uma mini estufa de caixotes para que as plantas recém semeadas tivessem condições de germinação. A decoração da mini estufa foi feita com tinta de acordo com a imaginação das crianças.

Além disso, o eixo que engloba a horta traz as noções básicas para o cultivo de olerícolas, onde foram apresentados os fatores necessários para o desenvolvimento da planta e técnicas de cultivo a serem realizados na área verde.

A tabela 2 identifica as olerícolas selecionadas para área da horta, tais culturas foram escolhidas conforme o espaço disponível, época de plantio, tempo estimado para colheita e maior aceitação pelo público escolar.

Tabela 2 - Olerícolas escolhidas para a área verde. Cachoeira do Sul/RS, 2022.

Olerícolas	
Nome Comum:	Nome Científico:
Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Beterraba	<i>Beta</i>
Cebolinha	<i>Allium fistulosum</i>
Couve	<i>Brassica oleracea</i>
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i>

Fonte: Autora, 2022.

Para que seja registrado e comprovado o desenvolvimento da extensão, utiliza-se o recurso da fotografia. Segundo Marin e Roldán (2012), a fotografia é apresentada como instrumento de pesquisa, explorando os conceitos de comentário visual, foto ensaio, foto colagem, entre outros. Nessa ocasião, a confiabilidade de uma foto não é a expressão da realidade que está diante da câmera, mas sim na grandiosidade e nitidez dos conceitos que expressa.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA AÇÃO

O projeto contemplou duas turmas de Pré B (1 e 2), que são crianças da Educação Infantil – nível B, que compreende a faixa etária de 5 anos. Ambas as turmas são do turno matutino, o que levou as atividades a serem desenvolvidas neste período.

Na tabela 3 é apresentada a distribuição dos pré-escolares em suas respectivas turmas. Ressalta-se que este levantamento é apenas para averiguar a quantidade de crianças que fizeram parte da ação extensionista.

Tabela 3 - Distribuição das crianças de pré-escola em duas turmas na escola. Cachoeira do Sul/RS, 2022.

Turmas	Quantidade	
	N	%
Pré B1 - M	7	26,92
Pré B2 - M	19	73,08
Total:	26	100,00

Fonte: Autora, 2022.

5.2 AÇÕES PROPOSTAS

5.2.1 Práticas Sustentáveis

A temática inicial do projeto foi a sustentabilidade, onde questionou-se o significado da palavra. No primeiro instante, de modo geral, as respostas foram a respeito de ser algo desconhecido e difícil, visto que eles (as crianças) não conheciam essa palavra.

Para simplificar e exemplificar o novo termo, foram feitos alguns questionamentos às crianças sobre as atitudes e práticas sustentáveis que são feitas no cotidiano, como por exemplo:

1. Quem desliga a torneira quando está escovando os dentes?
2. Quem desliga o chuveiro enquanto está se ensaboando?
3. Na casa de quem o quintal é limpo com a vassoura e não com a mangueira de água?
4. Quem apaga a luz quando sai de algum cômodo, na escola e em casa?
5. Quem separa o lixo, o orgânico e o que pode ser reciclado?

E com isso foi surgindo a participação das crianças sobre o tema e a interação com as atitudes/práticas feitas por elas e seus familiares. Alguns citaram que desligam e apagam a torneira e as luzes, outros se aprofundaram e relataram ter conhecimento sobre a separação do lixo e que o descarte de maneira indevida prejudica o meio ambiente.

Esse tema foi trabalhado através de uma roda de conversa, promovendo a interação da criança com o projeto e conseqüentemente a familiarização com o tema. A discussão gerada teve ênfase nos cuidados com o meio ambiente, pois as crianças notaram que práticas sustentáveis são capazes de economizar água e energia.

5.2.2 Observações ao ar livre

Para retratar a importância de atividades ao ar livre, foi realizada uma visita a praça da Matriz, onde foi possível instigar o pensamento das crianças sobre a preservação da natureza. Ainda em sala de aula, foi questionado sobre a composição de uma praça, onde as crianças expuseram suas vivências em praças e parques da cidade. Surgiram vários relatos em relação aos parquinhos e as árvores para fazer sombra.

Durante o passeio e observação de uma praça, que foi auxiliado pelas professoras das turmas, as crianças puderam prestar atenção nos detalhes do local, conforme ilustrado pela imagem 1. E então, com o conhecimento obtido até o momento, localizaram algumas irregularidades na praça, como a ausência ou danos às lixeiras e a quantidade de lixo descartado em meio às árvores e jardins.

Imagem 1 - Passeio e observação de uma praça. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM, 2022

5.2.3 Agroecologia, que bicho é esse?

Em uma roda de conversa, foi dada a explicação que a agroecologia é um estilo de vida que busca produzir os alimentos em harmonia com o meio ambiente, onde a natureza não é prejudicada pela plantação. E então, surgiram as dúvidas em relação à maneira de cultivo de alimentos e praticar a sustentabilidade ao mesmo tempo.

Para ilustrar e sanar as dúvidas, apresentou-se um passeio virtual pela Fazendinha Agroecológica da Embrapa Agrobiologia. Foi possível a visualização de todos os setores de uma propriedade agroecológica, onde as crianças puderam compreender a importância de cada setor para o funcionamento de uma fazenda.

As crianças interagiram com a apresentação, relatando o que conhecem e o que era novidade para elas. Uma ação notória foi o semblante curioso em relação à quantidade de atividade que uma fazenda agroecológica é capaz de ter. Relataram ter aprendido e compreendido que em propriedades como a apresentada, é possível a utilização de todo o espaço e que em todo ele é aproveitado sem prejudicar a natureza.

Em relação à agricultura familiar e às feiras livres, foi apresentado às crianças um vídeo intitulado “Comida que alimenta”, por se tratar de uma animação, as crianças assistiram atentas às cenas e compreenderam o diálogo dos personagens.

Ao término do vídeo, foi realizada uma conversa sobre os pontos abordados na animação. Foi notável que as crianças possuem a percepção de que o uso de agrotóxicos é prejudicial ao meio ambiente e à saúde humana. Com isso, houve a valorização do comércio local, onde sabe-se como e onde os alimentos são cultivados, garantindo qualidade de vida àqueles que o consomem.

5.2.4 Nosso lixo, nossa responsabilidade

Como previsto no cronograma, o projeto foi ~~agraciado~~ pela palestra da Talita Silva, bióloga da SMMA. A palestrante levou consigo dois ajudantes, o Teobaldo e o Felpudo, fantoches criados por ela para realizar e agradecer a palestra junto dela, além de encantar as crianças e os adultos presentes.

O tema e título escolhido para abordagem foi “Resíduos Sólidos: nosso lixo, nossa responsabilidade”, o momento contou com uma conversa descontraída e foi ilustrada com uma apresentação em power point para mostrar a realidade do lixo no município. As crianças foram bastantes participativas e expuseram suas opiniões sobre os tópicos da palestra.

De início, Talita e seus ajudantes questionaram às crianças sobre o destino do lixo produzido por elas em suas residências e que o ciclo do lixo não termina na lixeira e no contêiner. Foi onde as crianças citaram que não conhecem os lixões e os sistemas de coleta da cidade.

Imagem 2 - Palestra sobre resíduos com a SMMA. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



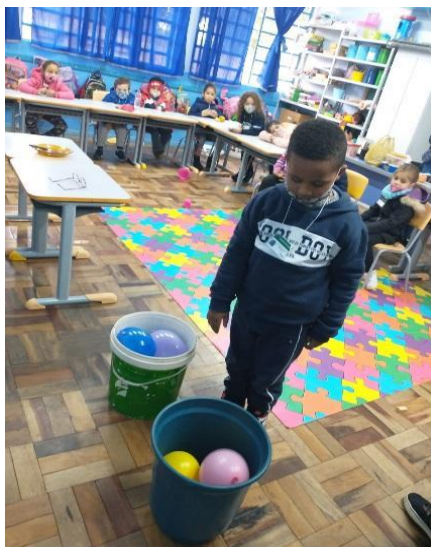
Fonte: Equipe APCRIM, 2022.

O tema descarte correto do lixo foi aprofundado e então foram citados dois termos, são eles: lixo seco e lixo úmido. Adaptado ao público infantil, foram exemplificados alguns itens que compõem os novos termos, tais como: lata de refrigerante, garrafa de vidro, sacola plástica, caixa de papelão, casca de banana, casca de beterraba, borra de café, erva de chimarrão, entre outros. Com isso, as crianças foram compreendendo sobre o destino dos lixos secos (reciclagem) e dos lixos úmidos (composteira).

Para fixar o que foi compreendido sobre a palestra, já em sala de aula, realizou-se uma dinâmica de separação dos lixos, onde foram utilizadas duas lixeiras e balões para ilustrar os lixos secos e úmidos. As crianças então, uma a uma, levaram seus balões ilustrados até a lixeira correspondente. Algumas dúvidas surgiram com a atividade em

como diferenciar os lixos, mas foram sanadas e exemplificadas novamente para uma melhor compreensão.

Imagem 3 - Dinâmica sobre separação de lixos. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

O cronograma do projeto foi pensado para fluir na construção de pensamento e conhecimento, o que mostrou a elaboração de maneira satisfatória quando as crianças começaram a associar os temas já abordados como a apresentação da propriedade virtual e a palestra sobre resíduos, principalmente com a produção sustentável de alimentos e a realização de composteira com o lixo úmido produzido nas residências.

5.2.5 As olerícolas coloridas

Dando continuidade ao cronograma, eis o momento de conversar sobre a alimentação. A primeira parte do desenvolvimento dessa temática inicia-se com perguntas que instiguem às crianças a pensarem nos alimentos que conhecem e em suas alimentações. Foram feitos os seguintes questionamentos:

1. O que é uma alimentação saudável?
2. Quais alimentos são saudáveis?
3. Como é a alimentação em casa e na escola?

As crianças relataram como alimentação saudável aquela comida que contém verduras e legumes, termos estes utilizados por elas. E então começaram a relatar os principais alimentos que consomem ou conhecem, são eles: tomate, cenoura, beterraba, brócolis, alface. É notório que as opções de olerícolas presentes em seus lares e escolas ficam restritas às culturas mais convencionais.

Em relação à terceira e última pergunta, os relatos são de que os adultos responsáveis consomem tais alimentos saudáveis já citados, mas que elas (as crianças) optam por comer apenas o que já conhecem e muitas das vezes as refeições são feitas sem a presenças de olerícolas em seus pratos.

Imagem 4 - Roda de conversa sobre alimentação saudável. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM, 2022.

Para dar continuidade ao raciocínio, passou-se às crianças informações sobre a alimentação saudável, onde a chave para tal está na variedade e na qualidade, sejam eles olerícolas, frutas, leite e ovos. De forma com que compreendessem a importância de terem alimentação variada e uma das maneiras de demonstrar essa variedade é através das cores.

Como já estudado no curso de agronomia, ressalta-se a importância em se preparar uma refeição colorida e então foram apresentadas às crianças algumas olerícolas de diferentes cores. Além disso, foi explicado que os termos ‘verduras e legumes’ seriam substituídos por ‘olerícolas’ para facilitar a compreensão. Para criar uma interação, foi realizada uma dinâmica, onde eram ditas as cores e as crianças deveriam pensar e dizer olerícolas com referidas colorações. Tais como:

- Alimentos Brancos: foi ilustrado em sala de aula com uma batata inglesa, e as crianças disseram outras culturas, como o arroz, o leite e a couve-flor;
- Alimentos Vermelhos: foi ilustrado com um tomate e o diálogo complementado com exemplos como a goiaba, o caqui e o moranguinho;
- Alimentos Amarelos/Alaranjados: exemplificou-se com a cenoura, e exemplos como a laranja, a abóbora, pêsego e o mamão surgiram para demonstrar a variedade existente;

- Alimentos Arroxeados: mostrou-se uma beterraba e como exemplos surgiram as uvas e a jabuticaba;
- Alimentos Verdes: apresentou-se um brócolis em seu formato natural e um chuchu e de exemplos, as crianças citaram a alface e a couve;
- Alimentos Marrons: para essa categoria, apenas foram ditos os alimentos que compõem o item, tais como as nozes e as castanhas.

Imagem 5 - Comida colorida. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM; Autora, 2022.

Após a dinâmica abrangendo os alimentos e as cores, abordou-se a relevância da alimentação saudável para a saúde e principalmente em relação à coloração. Onde foi compreendido que cada pigmento corresponde a um determinado nutriente. A novidade em relação a pigmentação deixou as crianças curiosas, pois além de praticarem uma alimentação mais diversa, estariam ingerindo alimentos que previnem e protegem o organismo.

5.2.6 Frutas, cores e sabores

Potencializando o tema da alimentação saudável, em um outro encontro com as crianças, foi solicitado com antecedência que os responsáveis enviassem uma fruta para o dia da partilha. E, com as frutas em mãos, as crianças foram instigadas a observar sobre a variedade de frutíferas presentes e suas cores.

A discussão girou em torno do sabor, da cor e da observação desse fruto, a fim das crianças localizarem a presença de sementes e as diferenças do modo de degustar cada

uma dessas frutas. As frutas citadas abaixo levadas pelas crianças e listadas em ordem de ocorrência e preferência em sala de aula, são:

1. Laranja;
2. Banana;
3. Maçã;
4. Bergamota;
5. Pêssego e Abacaxi (estes, somente uma unidade de cada).

Imagem 6 - Conversando sobre as frutas. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM, 2022.

Realizada a observação e a degustação dessas frutas, ainda em uma roda de conversa, questionou-se às crianças sobre o interesse em conhecer e degustar outras frutas, de diferentes cores, sabores e formatos. De imediato algumas ficaram curiosas com o que estava por vir, já outras demonstraram o receio em conhecer as novidades.

As frutíferas ainda desconhecidas foram colocadas à mostra, uma a uma, para que as crianças pudessem tentar identificar, caso fossem desconhecidas. As frutas apresentadas foram: Ameixa, Coco, Kiwi, Pêra e Pitaya.

A curiosidade pela aparência das frutas manteve a atenção das crianças e as deixaram curiosas quanto a sua coloração externa e interna, e conseqüentemente ao sabor que o fruto tem. De tal modo que houve a degustação das frutas recém apresentadas e um retorno positivo quanto ao consumo. Das crianças que quiseram e provaram, a maioria relata ter gostado da degustação de frutas diferentes.

Imagem 7 - Conhecendo outras frutas. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

5.2.7 Cooperação e construção

De início, separou-se as crianças em grupos, onde cada grupo recebeu um kit contendo um baldinho com substrato, sementes diversas, e uma caixa de leite. As equipes puderam, então, manusear o substrato e colocá-lo na caixa de leite, cumprindo com a primeira parte do desenvolvimento da proposta.

Em um segundo momento, foram mostradas as sementes que cada grupo recebeu e chamada a atenção de como são pequenas e delicadas. Com as caixas de leite prontas para o plantio, foi explicado que cada membro do grupo seria encarregado por um berçário. O termo berçário surgiu em substituição à tradicional ‘cova’, isso para exemplificar às crianças que ali surgiria uma nova vida, uma “planta-bebê”.

As crianças então perceberam o quão importante é respeitar a delicadeza de uma semente, e começaram a construção dos berçários com muito foco e dedicação. Foi um momento de muita tranquilidade e contemplação nos grupos, todas as crianças estavam atentas à essa nova vivência, em conformidade com a imagem 8.

Imagem 8 - Dia de semear. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

Ao término da sementeira em caixas de leite, as crianças foram chamadas uma a uma para auxiliarem no plantio em bandeja. Cada uma pode manusear uma semente e contribuir com o preenchimento das células da sementeira, conforme ilustrado pela imagem 9. Durante essa atividade, era explicado às crianças como é importante que a semente receba uma quantidade de água e luz para ter um bom desenvolvimento.

Imagem 9 - Preenchendo uma sementeira. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM, 2022.

Com a explicação sobre as necessidades da semente, em questões de luminosidade e irrigação, foi solicitada às crianças que elas se atentassem quanto ao desenvolvimento dos berçários. Com isso, elas ficaram responsáveis em avaliar as alterações na atividade realizada anteriormente.

Para tornar o universo da agroecologia e da natureza ainda mais atraente para as crianças, foi pensada e desenvolvida uma mini estufa feita de caixotes. E como a natureza é bem colorida, houve a decoração desses caixotes, conforme mostra a imagem 10. As crianças então foram novamente divididas em grupo, para que pudessem pintar os caixotes conforme a sua imaginação.

Imagem 10 - Decorando a mini estufa. Cachoeira do Sul/RS, 2022.

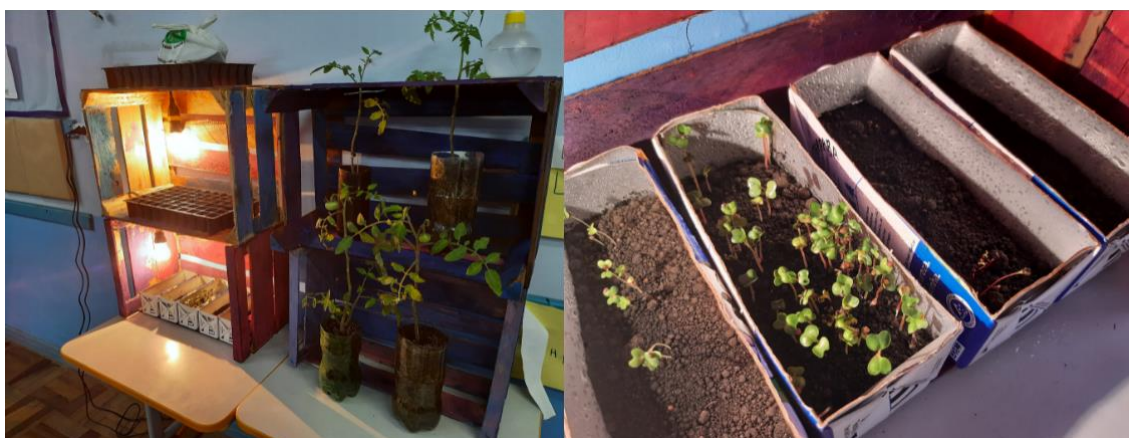


Fonte: Autora, 2022.

Essa atividade deixou as crianças bem animadas, pois elas sabiam que estavam decorando “a nova casinha” de suas futuras mudinhas. Com isso, foi possível exemplificar o quão gratificante é o ato de plantar o nosso próprio alimento, pois envolve diversas atividades que são divertidas e que podem ser desenvolvidas em grupos de crianças e adultos, dentro e fora da escola.

Assim que os caixotes secaram, foi escolhido um lugar na sala de aula para que pudesse receber a mini estufa. E então, tanto a bandeja, quanto as caixas de leites já semeadas foram colocadas em sua ‘nova casa’. Além disso, foram postas duas lâmpadas para auxiliar na luminosidade e as crianças ficaram responsáveis pela irrigação diária, o que mostra a satisfação de um trabalho em equipe, pois as sementes tiveram sua germinação, conforme a imagem 11.

Imagem 11 - Casinha pronta, plantinha feliz. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

5.2.8 A horta

A implantação da horta deu-se no desenvolvimento da área verde em um espaço destinado pela escola, conforme ilustra a imagem 12, onde posteriormente, foram

construídos canteiros beirando o muro da área e no centro do espaço. A alteração na paisagem do local começou neste ponto.

Imagem 12 - Área verde (antes). Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

A etapa, citada anteriormente, não contou com a participação das crianças. Visto que foram terceirizados os serviços para a elevação dos canteiros, onde foram utilizados os materiais de alvenaria, como cimento, areia e os tijolos.

Respeitado o período de construção, as crianças foram levadas até a área destinada e ali explicado a elas quais seriam os próximos passos no desenvolvimento da horta na escola. Os passos compreendem a colocação/preenchimento dos canteiros com terra e o plantio de mudas, além do acompanhamento do crescimento das plantas.

As crianças verificaram a mudança no espaço e em seguida foram convidadas a formar equipes para preencherem os canteiros. Elas se dividiram pela área e com auxílio da equipe da escola deram início à atividade, conforme ilustrada pela imagem 13. Assim, reforça a percepção de que o trabalho em equipe faz com que a ação extensionista seja impulsionada, pois a interação durante o desenvolvimento da horta cria um vínculo entre os envolvidos.

Imagem 13 - Enchimento dos canteiros. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Autora, 2022.

Questões sobre adubação e qualidade do solo foram explicadas às crianças, para que pudessem compreender as técnicas de plantio. Dúvidas e curiosidades sobre a

utilização de esterco bovino, húmus e casca de ovo surgiram quando estes foram apresentados como manejos agroecológicos e considerados ótimos para a horta. Durante essa conversa, as crianças perceberam a importância de um solo sadio para que as plantas tenham um melhor crescimento.

As mudinhas foram dispostas nos canteiros para que fosse possível a visualização da composição final. Nesse ponto, abordou-se sobre o espaçamento de plantas, onde as crianças tiveram o entendimento sobre o crescimento das plantas. Após isso, com auxílio das professoras, foi realizado o plantio, ilustrado pela imagem 14, já permitindo uma nova experiência para a maioria dos integrantes das turmas.

Imagem 14 - Plantio na área verde. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM, 2022.

A equipe diretiva da escola, juntamente com as professoras das turmas, ficaram responsáveis pelo monitoramento da horta, verificando a incidência de pragas e/ou doenças que podem ocorrer. Além de realizarem a irrigação quando necessário. Tais ações só mostram a relevância da extensão universitária do curso de agronomia em âmbito escolar, principalmente com as turmas de educação infantil.

5.2.9 Tudo começa na semente

Para esse tópico, foi pensado em uma abordagem sobre a anatomia de uma planta. De início foi questionado às crianças quais partes compõem uma planta e então começaram as respostas, de modo geral, foram ditos: tronco e folhas. Como planejado, um tomateiro foi propositalmente plantado em uma garrafa pet transparente, para que suas raízes ficassem amostras. E então, as crianças puderam verificar as partes constituintes de uma planta, são elas: raiz, caule, ramos, folhas, flores e frutos.

Para fixar melhor o conteúdo, foi feita uma comparação com o corpo humano, onde é possível a verificação através do quadro 2. Com isso, através da associação, as crianças compreenderam a importância de cada parte de uma planta.

Quadro 2 - Comparação entre o ser humano e a planta. Cachoeira do Sul/RS, 2022.

Ser Humano	Planta
Pé	Raiz
Tronco/corpo	Caule/tronco
Braços	Galhos/ramos
Mãos	Flores
Mão fechada	Fruto

Fonte: Autora, 2022.

Ademais, através da visualização e da associação com uma planta de tomate, as crianças conheceram a importância de cada fase de desenvolvimento de uma planta. E a respeitar cada etapa de desenvolvimento das culturas.

Além disso, ainda em uma associação, foi enfatizado sobre as necessidades do corpo humano para o crescimento. O mesmo, foi comparado com as necessidades de uma planta, em termos de água e luz.

Ao final da abordagem, as crianças, que já haviam semeado e plantado as mudas na área da horta, tiveram seus conhecimentos ampliados sobre o que iriam presenciar. As necessidades de uma planta não ficam restritas apenas à luminosidade e à irrigação. Por conta disso, foi apresentado às crianças alguns manejos agroecológicos para compor a solução do solo.

Por meio de uma conversa, foi possível o entendimento sobre a qualidade do solo, e sua potencialização com húmus e esterco bovino. E em sala de aula, apresentada a farinha de cascas de ovos, onde em uma nova dinâmica, tentaram adivinhar o que era o tal 'insumo'.

Após alguns palpites, foi revelado o que era. E com isso, cada criança pode ajudar na colocação das cascas de ovos trituradas nas mudas de tomates e sementeiras presentes na estufa construída com auxílio de todos.

5.2.10 Feira nacional do arroz

Como tudo é aprendido, ainda mais na infância, é importante que as crianças conheçam essa outra realidade na produção de alimentos. Durante a visita, auxiliada pelas professoras, o que mais chamou a atenção foram os maquinários e implementos agrícolas, por conta de seus tamanhos e cores variadas.

Foi explicado às crianças o motivo de tantos maquinários serem utilizados no cultivo, e basicamente elas compreenderam que seriam grandes e vastas produções de uma única cultura, com uso de agrotóxicos. Assim, foi possível diferenciar a diversidade de alimentos produzidos pela agricultura familiar e a monocultura dos latifundiários, e assim, realçar a importância de conhecermos a origem do nosso alimento.

Ademais, as instituições públicas e privadas de ensino superior marcaram presença no evento através de estandes. As crianças foram convidadas a conhecer um pouco sobre a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, que foi representada pelo chefe da unidade de Cachoeira do Sul e discentes voluntários, ilustrado pela imagem 15.

Imagem 15 - Visita ao estande da UERGS. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: UERGS Cachoeira do Sul, 2022.

No estande da UERGS, foi apresentado os cursos de agronomia e administração e explicado às crianças a importância da faculdade na sociedade, exemplificado pelo projeto na qual estavam participando e realçando a extensão universitária. Foi um momento onde as crianças puderam perceber o quão significativo o ensino é na vida das pessoas.

A universidade levou à FENARROZ uma maquete representando uma propriedade agroecológica. E então, aproveitando o tour virtual da fazendinha agroecológica, foi novamente ilustrada a composição de uma propriedade composta por produtores familiares que prezam pelos manejos e técnicas agroecológicas.

As crianças ficaram atentas às informações e à esquematização da maquete, conforme a imagem 16. Essa visita, não só mostrou às crianças o papel da universidade, como também apresentou uma outra realidade da agricultura.

Imagem 16 - Maquete de uma propriedade agroecológica. Cachoeira do Sul/RS, 2022.



Fonte: Equipe APCRIM, 2022.

5.2.11 Hora do chá

A dinâmica começou com a colocação das plantas medicinais sobre uma mesa no centro da sala de aula. Assim, as crianças puderam visualizar a variedade e principalmente a diferença na anatomia das mudas.

Salva esta primeira etapa, foi perguntado às crianças o porquê daquelas mudas serem conhecidas como plantas medicinais. Em uma explanação e relação com as palavras do termo, chegaram a uma conclusão de que são plantas curativas.

Após isso, as crianças em um semicírculo puderam passar as plantas de mão em mão para que pudessem apreciar de perto as características. Enquanto ocorria a rotatividade das plantas, foram feitas perguntas a fim de estimular o raciocínio e criatividade das crianças. Os questionamentos foram:

1 - A folha é grande ou pequena? É áspera ou macia?

2 - E o cheiro, é gostoso? Te lembra alguma coisa?

Com isso, as crianças verificaram a diferença entre as folhas, podendo facilitar a identificação das mesmas. E sobre o aroma, algumas plantas foram associadas a pastas de dente e temperos.

Logo em seguida, foram explicadas que as plantas ali presentes possuem efeitos curativos e complementares à saúde, e além disso, possuem efeito repelente contra

mosquitos, como a citronela. Ademais, foi explanado sobre o modo de preparo das plantas, que podem ser de diversas maneiras, tais como: chás, temperos e xaropes.

Entretanto, vale ressaltar que foi explicado a importância de se reconhecer uma planta, e que antes do consumo, as crianças e adultos devem procurar por pessoas que tenham conhecimento sobre o assunto para realizarem a identificação.

Enquanto aconteciam as etapas anteriores da dinâmica, era preparado um chá de camomila com mel. As crianças foram convidadas a participar da hora do chá e a decisão de provar ficou por conta delas.

O chá foi servido com auxílio das professoras das turmas, e de início, não foi dito às crianças o sabor. Assim, a última parte da dinâmica seria a identificação do chá através de sua cor, sabor e aroma. As crianças, em suma maioria, provaram e até pediram mais chá. E de modo geral, disseram ter apreciado o gosto e o aroma. No entanto, foi difícil a identificação pelas crianças, pouquíssimas acertaram o sabor de camomila com mel.

É importante relatar que não houve adição de açúcar ou adoçante no chá, apenas o real sabor para que pudessem degustar o verdadeiro gosto da infusão. Assim, mais um ponto do projeto foi vencido, que consistiu na apresentação de um chá preparado sem a influência de produtos industrializados. Por fim, foi dito às crianças que preparar e tomar um chá é considerado uma arte, e que pode ser vivenciado por elas em todos os momentos e não só recorrerem a essa alternativa como solução de algo.

5.2.12 Isso também é comestível

Para este tópico, foi planejado e apresentado sobre as plantas alimentícias não convencionais. Para isso, foi levada às crianças um arquivo digital contendo as olerícolas já conhecidas por elas e aproveitando da explicação anteriormente dada sobre a anatomia das plantas, foi questionado sobre qual parte daquela planta é comestível.

A ideia era apresentar às crianças que as plantas são, em suma maioria, comestíveis por inteiro. Através disso, é possível diminuir o desperdício e a produção de lixo descartado incorretamente.

Com a apresentação de um vídeo contendo várias olerícolas, a cada cultura era feito uma pausa na animação e questionado às crianças qual parte era comestível. É importante ressaltar que elas souberam diferenciar e identificar as partes de algumas espécies, tais como:

- a beterraba e a cenoura são raízes;

- o tomate é um fruto;

- a couve é uma folha;

Com essa identificação, foi possível a explanação sobre as plantas alimentícias não convencionais. E assim, foi explicado que os talos da cenoura e da beterraba são comestíveis, assim como o talo do brócolis e da couve.

No início, as crianças ficaram um pouco curiosas sobre essa novidade. E assim foi falado sobre a oferta desses produtos nos grandes mercados, onde eles só colocam à venda a "principal" parte comestível. Contudo, foi enfatizado mais uma vez sobre a importância das feiras livres agroecológicas. Onde realizam a comercialização da planta por inteiro. E assim, o consumidor estará adquirindo diversidade e saúde.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

O desenvolvimento do projeto de extensão proporcionou às crianças o conhecimento e o incentivo pela adoção de hábitos saudáveis e sustentáveis. Além disso, fez com que pensassem na maneira em que o alimento é produzido.

Foi possível a percepção dos envolvidos quanto ao interesse pela proposta. As crianças e a escola foram as grandes protagonistas no decorrer deste processo. Pode-se afirmar que elas abraçaram a ideia e mostraram que a ação extensionista teve impacto positivo no âmbito educacional.

A extensão mostrou-se uma possibilidade para os integrantes da educação infantil quanto a criação de atitudes sustentáveis. As crianças, principalmente, passaram a observar o meio ambiente e os alimentos de forma mais abrangente. Ainda, foi notório o desenvolvimento positivo, de pensamento e conhecimento das crianças.

A implantação da horta pedagógica na escola proporciona uma série de vantagens à comunidade que ali frequenta. Foi possível a abordagem de temas ligados à educação ambiental, promoção da saúde e produção de alimentos.

Em face do visível, foi possível compreender que a temática do projeto proporcionou às crianças uma aproximação de temas relacionados à agricultura sustentável e biodiversa. Com isso, pode ter potencializado a alimentação saudável.

Os resultados evidenciaram o encanto das crianças na compreensão dos conceitos e aplicações do projeto. As educadoras e a equipe diretiva da escola se mostraram colaborativas com o tema e auxiliaram no desenvolvimento da proposta.

Sobre a experiência em sala de aula, na visitação à praça e nas práticas realizadas na área verde da escola, ressalta-se o papel fundamental do acompanhamento das professoras de ambas as turmas e do corpo técnico da escola. O interesse pela educação ambiental, pela agroecologia e pelas práticas que esses eixos proporcionam, despertaram o interesse da equipe APCRIM a aprofundar a proposta do projeto na escola.

Espera-se então, que a escola dê continuidade a horta, tratando-a como instrumento pedagógico, para auxiliar no conhecimento das crianças. Além disso, há a expectativa da disseminação de conteúdos relacionados à alimentação saudável e produção de alimentos em mais salas de aula.

Visto que foi um projeto no âmbito da educação infantil, é válido ressaltar que ações extensionistas voltadas à agronomia são de fácil adaptação para o público infantil. O engenheiro agrônomo quando em sala de aula no papel de educador, é capaz de transmitir conhecimentos que são capazes de contribuir no entendimento da cadeia produtiva.

Entretanto, é importante que os termos técnicos sejam adaptados de acordo com o público alvo. O agrônomo extensionista é capaz de proporcionar às crianças uma experiência teórica e prática, onde os envolvidos têm total autonomia de se expressarem.

Ademais, julga-se que a participação de acadêmicos do curso de agronomia possam estar cada vez mais envolvidos em práticas extensionistas na educação infantil. Precisa-se pensar no futuro modificando e intensificando o presente, e as crianças fazem parte da construção de um mundo mais agroecológico e com menos desperdício.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Elizabeth. A escola como promotora da alimentação saudável. **Ciência em tela**, v. 2, n. 2, p. 1-9, 2009.

ALVES, Gabriela Manhães; DE OLIVEIRA CUNHA, Teresa Claudina. A importância da alimentação saudável para o desenvolvimento humano. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 10, n. 27, p. 46-62, 2020.

ANDRADE, José Maria. Antropologia do mundo das plantas medicinais. *Revista Habitus*, Goiânia, v.7, n.½, p. 249-263, jan/dez. 2009.

ANDRADE, M.M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561-583, 2018.

ARCHANJO, L. R., BRITO, K. F. W., SAUERBECK, S. Os alimentos orgânicos em Curitiba: consumo e significado. **Cadernos de Debate**, v. 8, p. 1-6, 2001.

ASSIS, R. U. **Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas**. Campinas, SP: [s.n.]. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE REFEIÇÕES COLETIVAS-ABERC. 2008. Anais do IV Fórum Nacional de Merenda Escolar, São Paulo, Brasil.

BARBOSA, Gisele Silva. O desafio do desenvolvimento sustentável. *Revista Visões*, n.4, v.1, Jan./Jun, 2008

BEZERRA, Juliana Alves; DE BRITO, Marilene Magalhães. Potencial nutricional e antioxidantes das Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e o uso na alimentação: Revisão. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. e369997159-e369997159, 2020.

BORGUINI, R. G.; TORRES, E. A. F. da S. Segurança Alimentos orgânicos: qualidade nutritiva e segurança do alimento. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 13, n. 2, p. 64-75, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 210p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar / Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009. 112 p.** (Série A. Normas e Manuais Técnicos (Cadernos de Atenção Básica, n. 23).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

Brasil. (2016). Política e programa nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Série B. Brasília: Ministério da Saúde.

CAETANO, Aldenir de Carvalho Caetano. Olericultura. 2018.

CAPORAL, F. R. Poderá a agroecologia responder aos cinco axiomas da sustentabilidade? *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 11, n. 4, p. 390-402, 2016.

CARVALHO, Gláucia Oliveira. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma visão contemporânea. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 8, n. 1, p. 789-792, 2019.

CEOLIN, Teila. Conhecimento sobre plantas medicinais entre agricultores de base ecológica da Região Sul do Rio Grande do Sul. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

CLEMENTE, F. M. V. T.; HABER, L. L. **Horta em pequenos espaços**. Brasília, DF: Embrapa Hortaliças. 2012. 56 p.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. *Panorama da alimentação escolar*. Brasília, 1995. (Ofício CFN n.223/95)

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P.A.; ALMEIDA, L.A.; VEZZANI, F. M. (Org.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. 1ª ed., Curitiba: Kairós, 2013, p. 139-170.

DI STASI, Luiz Claudio. Plantas medicinais: verdades e mentiras, o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber. São Paulo: UNESP, 2007. 133 p.

ELSEN, Ingrid. Cuidado familiar: uma proposta inicial de sistematização conceitual. In: ELSEN, Ingrid; MARCON, Sonia Silva; SILVA, Mara Regina Santos da (Orgs.). *O viver em família e a sua interface com a saúde e a doença*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2004. p. 19-28.

FEIL, Alexandre André. SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. *Cad. EBAPE*, v. 14, n. 3, jul./set. 2017.

FERNÁNDEZ, Xavier Simón; GARCIA, Dolores Dominguez. Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.2, 2001.

GALLO, Z.; MARTINS, L.A.T.P.; PERES, M.T.M. Pobreza, meio ambiente e economia solidária: o caso de Piracicaba. *Revista FAE Centro Universitário*, Curitiba, v.8, n.1, p.39-50, 2005.

GOMES, José Carlos. Legislação de alimentos e bebidas. Viçosa: UFV, 2007. 365 p.

GOMES, W. S. T. Alimentação escolar saudável. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2016.

Disponível em:
http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/16720/1/2016_WednaTeixeiraGomes_tcc.pdf .

GRECZYSZN, R. ; FAVARÃO, S. C. M. Perfil socioeconômico de agricultores feirantes da microrregião de Campo Mourão, PR. Revista Ciências Exatas e da Terra e Ciências Agrárias, v. 8, p. 10-17, ago. 2013.

HENRIQUES, R. O papel da extensão Universitária na agenda de inclusão educacional e social. Revista Brasileira de Extensão Universitária, Chapeco, v.2, n.2, p.13-30, 2004.

HERNÁNDEZ, Jesús Contreras. Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**, p. 7, 2005.

IRALA, Clarissa H.; FERNANDEZ, Patrícia Martins; RECINE, Coordenação Elisabetta. Manual para Escolas. **A Escola promovendo hábitos alimentares saudáveis. Peso Saudável. Brasília**, 2001.

JUNIOR, Luiz Cezar Lima. Alimentação saudável e exercícios físicos em meio à pandemia da COVID-19. **Boletim de conjuntura (boca)**, v. 3, n. 9, p. 33-41, 2020.

KINUPP, Valdely Ferreira. Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS. 2007.

Lima, E. E. **Alimentos orgânicos na alimentação escolar pública catarinense: um estudo de caso** [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2006.

LIMA, Izenildes Bernardina de. A criança e a natureza: experiências educativas nas áreas verdes como caminhos humanizadores. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

LOPES. L. H. Feiras livres em Florianópolis – SC: práticas sustentáveis na comercialização de frutas, legumes e Verduras in natura. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Nutrição da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Nutrição. Florianópolis, 2014.

MACHADO, Raíssa Anahy; ROSA, Silandra Badch. Aromas, texturas, cores e sabores. **Anais do Seminário Internacional de Educação (SIEDUCA)**, v. 2, n. 1, 2017.

MACHADO, J. T. M.; RAMOS, R. F.; CZEKALSKI, R. G.; SCHNEIDER, E. P.; BETEMPS, D. L. GRUPOS DE ESTUDOS EM AGROECOLOGIA NA PROMOÇÃO DO PARADIGMA AGROECOLÓGICO. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 142–169, 2018.

MARIN-VADEL, Ricardo. RÓLDAN, Joaquin. **Metodologías Artísticas de Investigación em Educación**. Málaga, Espanha: Ediciones Aljibe, 2012.

MEIRELLES, Laércio. Agricultura ecológica e agricultura familiar. (Atualizado em 23 set. 2002). Disponível em: <http://m.centroecologico.org.br/artigos/10>

MERA, Jackeline Cristel Elizabeth et al. Conhecimento, percepção e ensino sobre plantas medicinais em duas escolas públicas no município de Benjamin Constant-AM. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 13, n. 2, p. 62-79, 2018.

MORAN, José Emanuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. In: Integração das Tecnologias na Educação, páginas 96-100. Ministério da Educação. 2005.

MOREIRA, Adriana Rodrigues et al. Horta escolar em um centro municipal de educação infantil de São José dos Pinhais. **Brazilian Journal of Business**, v. 1, n. 1, p. 87-94, 2019.

MORGADO, F. S. **A horta escolar na educação ambiental e alimentar**: experiência do projeto horta viva nas escolas municipais de Florianópolis. Florianópolis, 2006. (Monografia). UFSC.

MOTTER, Stela Raupp Schwanck. A Educação Ambiental como agente de mudança de comportamento socioambiental. (Atualizado em 25 abr. 2011). Disponível em: <http://m.centroecologico.org.br/artigos/35>

NOCELLI, G. 2017. Em um mês, 100 mil pessoas vão às feiras livres de JF. Tribuna de Minas. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/economia/07-09-2017/em-um-mes-100-mil-pessoas-vaio-as-feiras-livres-de-jf.html>. Acesso em 24 set. 2022.

OSÓRIO, Maria Gabriela Waiszczyk et al. O Jardim Sensorial como instrumento para Educação Ambiental, Inclusão e Formação Humana. 2018.

PAULA, J.A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. Interfaces – Revista de Extensão, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.5-23, 2013.

PEDRINI, A. G. Metodologias em Educação Ambiental. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2007.

RAMOS, R.; MARKS MACHADO, J.; TONIN, J.; SOBUCKI, L.; BETEMPS, D. AGROECOLOGIA E EXTENSÃO: O MOVIMENTO ESTUDANTIL EM DEFESA DE UMA NOVA AGRONOMIA. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 8, n. 3, p. 135-142, 18 nov. 2017

RAMOS, RF et al. (2020) Agronomia em tempos de crise. Revista Agronomia Brasileira. v.4. <https://doi.org/10.29372/rab202019>

REYES, Caroline Pinheiro et al. Hortas pedagógicas: manual prático para instalação. Brasília, DF : Embrapa Hortaliças, 110 p. 2019.

REZENDE, B.L.A; CANATO, G.H.D; CECÍLIO FILHO, A.B. Influência das épocas de cultivo e do estabelecimento do consórcio na produção de tomate e alface consorciados. *Ciência Agrotécnica*, Lavras, v.29, n.1, p.77-83, jan./fev. 2005.

RODRIGUES, R.M. S. N. Abordagem da educação alimentar e nutricional no contexto escolar através do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) transversal de saúde: um estudo de caso. **Revista Científica de Iniciación a la Investigación**, v. 3, n. 1, 2018.

SANTOS, Christiane Fernandes dos, et al. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, p. 33-52, 2014.

SANTOS, M. S. ; FERREIRA, D. J. ; SANTOS, R. L. A feira livre como alternativa de geração de renda para agricultura familiar no município de Santo Estevão - BA. In: VI CONGRESO IBEROAMERICANO DE ESTUDIOS TERRITORIALES Y AMBIENTALES, 2014, São Paulo, SP. Anais. USP, 2014, p. 685-699.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos. Rima (2004).

SILVA, C. A. R. Viabilidade técnica e econômica do cultivo consorciado de hortaliças para a Agricultura Familiar. 2017. 132 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Faculdade de Agronomia. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, E. C. R. **Hortas escolares urbanas agroecológicas**: preparando o terreno para a educação em ciências e para a educação em saúde. Rio de Janeiro: UFRJ/NUTES, 2015. 245 f.

Silva, F.S., Macedo, R.L.G., Venturim, N., Morais, V.M., & Gomes, J.E. (2005). Levantamento etnobotânico das plantas medicinais da zona rural do Município de Piumhi-Minas Gerais. *Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal*, 3(6), p.1-4.

SILVA NETO, B.; BASSO, D. A ciência e o desenvolvimento sustentável: para além do positivismo e da pós-modernidade. *Ambiente & Sociedade*, v. 13, n.2, p. 315-329, 2010.

SILVA, Vanessa Neumann et al. Olericultura e agricultura familiar: relação ensino-extensão universitária no oeste catarinense. **Expressa Extensão**, v. 25, n. 1, p. 114-122, 2020.

TIRIBA, Léa. *Crianças Natureza e Educação Infantil*. Ripo de Janeiro, RJ: PUC – Rio. GT Educação de Crianças de 0 a 6 anos. 2006.

TIRIBA, Léa. *As crianças da natureza*. Brasília, Portal do MEC, 2010.

TORRESI, Susana I.; PARDINI, Vera L.; FERREIRA, Vitor F. O que é sustentabilidade?. **Química nova**, v. 33, n. 1, p. 1-1, 2010.

TRICHES, Rozane Marcia. Promoção do consumo alimentar sustentável no contexto da alimentação escolar. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 13, n. 3, p. 757-771, 2015.

TULER, Amélia Carlos; PEIXOTO, Ariane Luna; SILVA, Nina Claudia Barboza da. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) na comunidade rural de São José da Figueira, Durandé, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, v. 70, 2019.

VALENÇA, T. G. Circuito carioca de feiras orgânicas: um olhar geográfico sobre a expansão da comercialização de alimentos orgânicos na cidade do Rio de Janeiro. 2016.

140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida:** reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. UFRGS Editora, 2009.